



A TRANSPOSIÇÃO DIDÁTICA DOS CONTEÚDOS DE GEOGRAFIA PARA OS ESPAÇOS ESCOLARES DE RIO BRANCO - AC

¹Rayane Santos de Menezes, ²Victor Régio da Silva Bento*,
ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-8989-7883> ; <https://orcid.org/0000-0002-5167-3964>

¹ Mestra em Geografia, PPGEO/UFAC; ² Doutor em Geografia, Propgeo/UECE, professor

Recebido em: 12/10/2024; Aceito em: 09/07/2025; Publicado em: 16/08/2025
DOI: [registrando](#)

RESUMO

A escola é um elemento espacial que possibilita múltiplos objetos de pesquisa para a Geografia, pois estas envolvem a interação entre aspectos sociais, políticos, econômico e ambientais que ultrapassam os limites da instituição e se relacionam com sua circunvizinhança. A transposição didática é uma tarefa fundamental para aquisição do conhecimento geográfico por parte dos alunos e o entorno escolar torna-se um objeto de estudo significativo para interpretação das categorias e dos princípios do raciocínio geográfico. Mediante essas assertivas, o presente trabalho objetiva verificar a relevância da transposição didática no ensino de geografia. Como recorte espacial foram elencadas três escolas da cidade de Rio Branco, capital do estado do Acre, as quais foram campo de atuação do programa residência pedagógica, durante os anos de 2022 e 2024. A metodologia amparou-se na análise das competências e habilidades da BNCC para o sexto ano do ensino fundamenta e na verificação do entorno escolar com aplicação do software Google Earth. Conclui-se que a escola e seu entorno oferecem amplas possibilidades metodológicas para o ensino de geografia, contribuindo para o entendimento dessa disciplina a partir de suas categorias e princípios.

Palavras-chave: Ensino de Geografia; Transposição Didática; Espaço Geográfico.

THE DIDACTIC TRANSPOSITION OF GEOGRAPHY CONTENT FOR THE SCHOOL SPACES IN RIO BRANCO – AC

ABSTRACT

The school is a spatial element that allows multiple research objects for Geography, as these involve the interaction between social, political, economic and environmental aspects that go beyond the limits of the institution and are related to its surroundings. Didactic transposition is a fundamental task for students to acquire geographic knowledge and the school environment becomes a significant object of study for interpreting the categories and principles of geographic reasoning. Based on these assertions, the present work aims to verify the relevance of didactic transposition in the teaching of geography. As a spatial outline, three schools in the city of Rio Branco, capital of the state of Acre, were listed, which were the field of activity of the pedagogical residency program, during the years 2022 and 2024. The methodology was based on the analysis of the competencies and skills of the BNCC for the sixth year of primary education and checking the school environment using Google Earth software. It is concluded that the school and its surroundings offer broad methodological possibilities for teaching geography, contributing to the understanding of this discipline based on its categories and principles.

Keywords: Geography Education; Didactic Transposition; Geographical Space.

LA TRANSPOSICIÓN DIDÁCTICA DE CONTENIDOS DE GEOGRAFÍA PARA LOS ESPACIOS ESCOLARES EN RIO BRANCO – AC

RESUMEN

La escuela es un elemento espacial que permite múltiples objetos de investigación para la Geografía, ya que existe una interacción entre aspectos sociales, políticos, económicos y ambientales que trascienden los límites de la institución y se relacionan con su entorno. La transposición didáctica es una tarea fundamental para que los estudiantes adquieran conocimientos geográficos y el entorno escolar se convierte en un importante objeto de estudio para la interpretación de las categorías y principios del razonamiento geográfico. A partir de estas afirmaciones, el presente trabajo pretende verificar la relevancia de la transposición didáctica en la enseñanza de la geografía. Como esquema espacial, se enumeraron tres escuelas de la ciudad de Rio Branco, capital del estado de Acre, que fueron el campo de actividad del programa de residencia pedagógica, durante los años 2022 y 2024. La metodología se basó en el análisis de las competencias y habilidades del BNCC para el sexto año de educación primaria y el control del entorno escolar mediante el software Google Earth. Se concluye que la escuela y su entorno ofrecen amplias posibilidades metodológicas para la enseñanza de la geografía, contribuyendo a la comprensión de esta disciplina a partir de sus categorías y principios.

Palabras clave: Enseñanza de la Geografía; Transposición Didáctica; Espacio Geográfico.

1. INTRODUÇÃO

Essa pesquisa tem como objetivo ajudar a minimizar a dificuldade que alguns professores têm em fazer essa transposição didática no ensino de Geografia. Para tanto, é relevante que sejam desenvolvidos métodos que facilitem/auxiliem nessa transposição de conteúdo.

A transposição didática configura-se como um processo essencial no âmbito do ensino escolar, especialmente no ensino de Geografia, permitindo a adaptação de saberes científicos ao contexto pedagógico. Tratando-se de uma etapa intrínseca ao trabalho docente, cuja função é transformar conteúdos acadêmicos em conteúdos acessíveis, com significados e contextualizados para os estudantes, promovendo dessa forma uma maior aproximação com sua realidade cotidiana e territorial.

Com o intuito de compreender como a transposição didática se relaciona com as diversas temáticas do ensino de Geografia, este estudo inicia-se com uma análise da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) para entender a organização dessa disciplina. Posteriormente analisaremos o Currículo de Referência Único do Acre referente ao ensino fundamental anos finais, mais precisamente os 8º e 9º ano, a fim de identificar a concordância e os conteúdos programados para serem ministrados nas escolas nesses anos em específico.

Através dessa análise, é possível evidenciar as múltiplas possibilidades de aplicar a transposição didática aliada ao raciocínio geográfico transformando-a em estratégias de ensino. Compreendemos que o uso de metodologias alinhadas às competências e habilidades propostas pela BNCC, assim como as categorias e princípios do raciocínio geográfico, contribui diretamente para que os alunos se sintam mais inseridos em seu espaço de vivência. Essa abordagem facilita a compreensão crítica de suas experiências cotidianas e amplia a percepção do lugar que ocupam no mundo.

Como recorte espacial, elencou-se três escolas da área urbana de Rio Branco, capital do estado do Acre, as quais foram contempladas pelas ações do programa institucional Residência Pedagógica – Subprojeto Geografia, da Universidade Federal do Acre. Analisou-se o entorno escolar dessas unidades de ensino com emprego do software Google Earth, fazendo uma interpretação com as competências, habilidades e princípios do raciocínio geográfico expostos na BNCC. Tal metodologia decorreu em propostas de atividades para o ensino de Geografia, a partir das especificidades de cada entorno escolar.

2. A TRANSPOSIÇÃO DIDÁTICA E O ENSINO DE GEOGRAFIA

Na obra *Transposição didática- por onde começar*, Almeida (2007) diz que nenhum método de ensino consegue existir sozinho, seja ele um livro didático ou computador, nenhum irá conseguir educar sozinho mesmo sendo elementos importantes na construção do saber. O autor faz uma comparação de que esses materiais seriam uma espécie de *hardware* e para uma utilização perfeita se faz necessário um *software* que é o que irá dar vida e humanizar o material, e o professor quem assume esse papel por meio dos seus conhecimentos é quem vai dar vida a escola, o autor enfatiza que a sala de aula precisa de conflitos, negociações, que tem que ser um ambiente vivo.

Seguindo o pensamento de Almeida (2007) sobre a transposição didática, a grande parte dela acontece no ambiente educador, existe também o ambiente alfabetizador e o ambiente educativo, é muito importante que o professor compreenda esses ambientes e reconheça as potencialidades de cada espaço. Um professor só é criado a partir da prática diária da sala de aula, nesse sentido a transposição didática é entendida como: “capacidade de ser construída diariamente. Ela se dá quando o professor passa a ter coragem de abandonar moldes antigos e ultrapassados e aceitar o novo” (Almeida, 2007, p. 33).

Conforme explica Chevallard em sua obra “La transposición didáctica”, o sistema didático é composto por três elementos: o professor, o saber e o aluno, para o autor a

transposição didática é “O “trabalho” que transforma um objeto de saber para ensinar em objeto de ensino, é chamado de transposição didática.” (Chevallard, 1991, p. 45).

Segundo Sacristán (2013, p. 23), devemos ir além dos conteúdos de como o currículo é e como ele pode ser:

É preciso insistir que os significados dos objetivos educacionais não podem estar circunscritos aos conteúdos dos limites estabelecidos pelas tradições acumuladas nas disciplinas escolares. Da mesma maneira, consideramos que tanto essas quanto seus conteúdos são resultados de certas tradições que podem e devem ser revisadas e modificadas. (Sacristán, 2013, p.23).

Aqui se torna evidente o porquê não devemos apenas ensinar o quê ou como ordena o currículo, pois o mesmo já traz conteúdos programados e além do mais, devemos sair do tradicional podendo rever os conteúdos e modificá-los deixando-os mais acessíveis e isso se torna possível por meio da transposição didática, onde o professor pode trabalhar conteúdos pré estabelecidos no currículos e adequar aproximando o máximo possível da realidade dos alunos, fazendo assim com que eles consigam compreender de forma mais efetiva, fazendo ligações com suas experiências, é dessa forma que o raciocínio geográfico também deve ser exercitado, fazendo essa análise espacial.

A transposição didática é totalmente importante para o ensino de geografia, não apenas para a geografia, mas tendo em vista que seu objetivo é transformar e fazer adaptações do saber científico em saber escolar (Almeida,2007, p. 34), e a ciência geográfica é muito rica nesse sentido, Nascimento e Oliveira (2015) dizem:

Quando os saberes passam de uma esfera científica assumindo uma esfera escolar, constroem-se possibilidades de se aplicar em sala de aula uma linguagem de fácil entendimento aos discentes, permitindo um nível de compreensão satisfatório, tal linguagem não deve ser simplória, mas que visem adequar os conhecimentos preestabelecidos pelos alunos com as construções teóricas realizadas pela ciência. (Nascimento; Oliveira, 2015, p. 309).

A geografia como disciplina escolar, e como a ciência que é, trabalha em diferentes escalas de análises, tendo em vista que os fenômenos de ordem geográficas acontecem em diversas escalas, como por exemplo o clima, que podemos analisar em escala local de uma cidade, como um micro clima, bem como podemos analisar em uma escala global, que são as chamadas zonas climáticas. A hidrografia é outro exemplo que podemos citar, ao analisar uma bacia de um igarapé como uma microbacia, como podemos analisar a bacia amazônica, isso demonstra como a geografia trabalha em escalas bem diferentes.

Para trabalhar a transposição didática também é muito importante levarmos em consideração os princípios do raciocínio geográfico que mais a frente será explicado mais detalhadamente, mas usando a analogia como uma forma de reflexão de que os mesmos fenômenos acontecem de diferentes formas, e em localidades distintas, mas que possuem similaridades. Um terremoto por exemplo, que ocorre no Peru e afeta nosso estado, comparado a um terremoto que ocorre na Indonésia, o mesmo fenômeno possui diferenciações como a localização, quantidade populacional o que acaba fazendo com que o mesmo tenha diferentes proporções, a extensão e a localização desses fenômenos geográficos, são alguns dos fatores muito importantes que devem ser considerados e analisados pelos professores ao fazerem a transposição didática, segundo Nascimento e Oliveira (2015, p. 309):

A transposição é influenciada pelas condições objetivas e o desenvolvimento das habilidades pedagógicas realizadas pelo corpo docente, e nesse contexto a transposição didática se efetivará. O estudo da transposição didática irá permitir ao docente a reelaboração e organização de conteúdos científicos até sua chegada em sala de aula como saber ensinado de forma que, determinado conteúdo científico possa ser transmitido em sala de aula permitindo um nível desejável de assimilação e aprendizagem por parte do discente. (Nascimento; Oliveira, 2015, p. 309).

Notamos o quão importante é a prática da transposição didática, pois esta almeja com que os alunos pensem e consigam fazer uma vinculação de acontecimentos globais que têm uma influência de acontecimentos locais e vice-versa. No entanto existe uma certa dificuldade por parte dos docentes em transpor esses conteúdos de forma clara e satisfatória. Isso ocorre por diversos fatores, entre eles a dificuldade em encontrar matérias que ajudem nessa transposição didática, falta de domínio de uma linguagem mais próxima dos alunos, a não dominação completa dos conteúdos ou a dificuldade em transformá-los e adequá-los associando-os a acontecimentos locais ou regionais que estão no espaço de vivência desses alunos.

Se bem executada, a transposição é uma verdadeira aliada ao estudo e a pesquisa, gerando a curiosidade do aluno em analisar os conteúdos ministrados pelo professor e o fazendo compreender a partir das suas próprias experiências. Quando o docente traz determinado tema para a realidade dos estudantes, adequando as linguagens, levando a estudos de campo, ou por meio de outros recursos metodológicos estes se tornam facilitadores na transmissão dos conhecimentos. Como consequência, há uma construção mais significativa do aprendizado. Por isso é muito importante que o professor trace o planejamento e tenha um domínio dos conteúdos a serem trabalhados, além do que conheça

bem os alunos para que consiga fazer uma observação reflexiva de quais práticas estão funcionando, e se não estão descobrir o porquê e procurar outras vias de transposição dos conteúdos.

3. AS REFORMAS CURRICULARES E A TRANSPOSIÇÃO DIDÁTICA

Embora não haja um consenso sobre o momento exato em que o conceito currículo surgiu, é possível reconhecer sua presença ao longo da história, assumindo diferentes funções e significados conforme o contexto cultural e temporal. Em civilizações como a Roma Antiga, por exemplo, o termo “currículo” estava associado à ideia de carreira, representando o percurso da vida profissional e a forma como esta era organizada. Com o passar do tempo, currículo foi adquirindo novos contornos, especialmente com o avanço das instituições escolares, tornando-se um instrumento fundamental para orientar e sistematizar os saberes relevantes à formação do indivíduo. As reformas curriculares contemporâneas refletem essa evolução, buscando atender às demandas sociais, culturais e tecnológicas atuais, e isso também impacta diretamente o processo de transposição didática realizado em sala de aula.

Na contemporaneidade, o conceito de currículo vem adquirindo novas concepções, tanto no campo educacional quanto no campo profissional. No contexto escolar, o currículo não pode ser reduzido apenas a uma sequência de conteúdos a serem ensinados; ele é, acima de tudo, uma construção social e histórica que reflete disputas de poder, interesses culturais e ideológicos. Como destaca Moreira (2009), o currículo é uma seleção de saberes que carrega intencionalidades e, por isso, não é neutro. Sacristán também ressalta que o currículo se configura como um projeto político e pedagógico que orienta o processo de ensino e aprendizagem, envolvendo conhecimentos científicos, mas também atitudes, valores, comportamentos e formas de convivência social.

Nesse sentido, o currículo escolar regula não apenas os conteúdos que os professores devem ministrar ao longo da trajetória escolar dos alunos, mas também propõe a formação de sujeitos éticos, críticos e socialmente participativos. Questões como o respeito às diferenças étnico-raciais, de gênero e de classe social, bem como a promoção de valores democráticos e inclusivos, estão presentes de forma explícita ou implícita nas diretrizes curriculares. Para que esses princípios sejam efetivamente aplicados no cotidiano da sala de aula, torna-se indispensável o planejamento pedagógico. Elaborar planos de aula coerentes com os objetivos

do currículo e com as competências previstas nos documentos oficiais é um passo essencial para garantir uma prática docente alinhada às finalidades educativas contemporâneas.

A educação em nosso país vem sendo modificada a alguns anos por meio de reformas curriculares que instituem documentos para organização dos sistemas de ensino em âmbito federal e servem de apoio para estruturação dos currículos estaduais e municipais. Dentre estas reformas a mais recentes é a Base Nacional Comum Curricular – BNCC são documentos que definem o conjunto de habilidades, competências e ensinamentos que os alunos devem desenvolver durante o período e modalidades da educação básica (educação infantil, ensino fundamental e ensino médio), seja ela feita em escolas da rede pública ou privadas.

A Base Nacional Comum Curricular é um documento normativo que fornece as diretrizes do que deve ser seguido e ensinado em cada etapa da educação básica, mas o currículo é quem vai definir o que seguir e como será seguido, pois não é algo estático. Sobre o currículo Sacristán (2013, p. 16) afirma que:

O currículo é algo evidente e que está aí, não importa como o denominamos. É aquilo que o aluno estuda. Por outro lado, quando começamos a desvelar suas origens, suas implicações e os agentes envolvidos, os aspectos que o currículo condiciona e aqueles por eles condicionados, damos-nos conta de que nesse conceito se cruzam muitas dimensões que envolvem dilemas e situações perante as quais precisamos nos posicionar. (Sacristán, 2013, p.16)

O objetivo da BNCC é garantir que o ensino seja mais igualitário em todas as regiões do país, proporcionando um conjunto de conhecimentos e habilidades comuns, tentando assim diminuir as desigualdades existentes no ensino e com isso buscando elevar a qualidade de ensino no Brasil, portanto é uma referência para elaboração dos currículos escolares de todos os estados e municípios do país, buscando respeitar as especificidades de cada um e manter a identidades locais importantes na construção dos conhecimentos desses alunos. (BRASIL, 2018).

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) é prevista desde a Constituição Federal de 1988, conhecida como “Constituição Cidadã”, que estabeleceu a obrigatoriedade de uma base comum para educação nacional. Essa diretriz foi reforçada pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), de 1996, que destacou a necessidade de garantir uma formação básica mais igualitária e comum a todos os estudantes brasileiros.

A formulação da BNCC passou por vários processos e etapas. Em 2015, foi apresentada a primeira versão do documento, seguida da segunda versão em 2016. Em 2017, a versão final referente ao ensino fundamental foi concluída e homologada. No ano seguinte, em 2018 foi finalizada a terceira versão, sendo destinada ao ensino médio, e homologada em dezembro

daquele mesmo ano. Desta forma a BNCC passou a contemplar todas as etapas da educação básica (educação infantil, ensino fundamental e ensino médio), servindo como referencial nacional para os currículos escolares (Brasil, 2018).

A Base Nacional Comum Curricular prevê que ao longo da educação básica os alunos desenvolvam 10 competências gerais que são determinadas como sendo fundamentais, a BNCC também orienta as habilidades e competências que os alunos deverão desenvolver em cada etapa da educação de acordo com a progressão do aluno. Podemos destacar que o ensino fundamental dentro da BNCC está organizado por áreas de conhecimento sendo elas: Linguagens, Matemática, Ciências da Natureza, Ciências Humanas e Ensino Religioso. Sobre essa organização em áreas o documento diz: “Essas áreas, [...] “favorecem a comunicação entre os conhecimentos e saberes dos diferentes componentes curriculares” (Brasil, 2010 apud Brasil, 2018, p. 27). Ou seja, dessa forma visa facilitar a interdisciplinaridade com as outras áreas de conhecimentos.

O componente Geografia do ensino fundamental na BNCC está inserido na área das Ciências Humanas, o documento mostra que estudar geografia é uma oportunidade de entender o mundo em que vivemos e para que isso aconteça devemos entender as diferentes sociedades existentes no mundo, a geografia estimula os alunos a pensarem espacialmente, o que engloba outras ciências e mais uma vez vemos a interdisciplinaridade aqui, essa relação tem o objetivo de explicar diferentes problemas, mudanças de escalas entre outros. A forma do pensamento espacial é proposta pelo desenvolvimento do raciocínio geográfico que mais a frente será explicitada.

A BNCC foi organizada com base nos principais conceitos geográficos contemporâneos: **espaço** é o conceito mais amplo, mas necessita das outras categorias com conceitos operacionais que é **território, lugar, região, natureza e paisagem**, o documento afirma que o espaço e o tempo não devem ser trabalhados individualmente, pois são conceitos inseparáveis, que devem ser trabalhados de forma conjunta e articulada.

O ensino da geografia dentro da BNCC está dividido em cinco unidades temáticas com ênfase diferentes que variam de acordo com o ano que se encontra o aluno, as unidades são: **O sujeito e o seu lugar no mundo** procura desenvolver noções de pertencimento e identidades; **Conexões e escalas** articulação de diferentes espaços e escalas de análises, favorecendo o aluno compreender as relações existentes entre fatos de níveis local e global; **Mundo do trabalho** busca desenvolver a compreensão das diferentes mudanças ocorridas no mundo do trabalho em diferentes tempos, escalas, processos históricos, sociais e etno-raciais;

Formas de representação e pensamento espacial, compreender as diferentes formas de representação gráficas juntamente com o raciocínio geográfico para elaboração de mapas, gráficos, imagens de satélites entre outras formas de linguagem de representação espacial e **Natureza, ambientes e qualidade de vida** visa articular a geografia humana com a geografia física com destaque para a discussão de processos físicos-naturais do planeta terra. (Brasil, 2018, p. 363- 364).

Seguindo as diretrizes da Base Nacional Comum Curricular (BNCC), a Secretaria de Estado de Educação, Cultura e Esporte do Acre, em regime de colaboração com a União Nacional dos Dirigentes Municipais de Educação (UNDIME/AC), elaborou o Currículo de Referência Único do Acre. O documento foi construído de forma colaborativa, contando com a contribuição de professores da rede municipal, estadual e federal , além de outros profissionais da educação que atuam diretamente no contexto educacional do estado. Ainda que não tenha sido criado integralmente do zero, o currículo passou por um processo de atualização e reestruturação, pois anteriormente era baseado nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN's). A partir das orientações da BNCC, foram incorporadas novas abordagens que respeitam as especificidades territoriais, sociais e culturais do Acre, permitindo a flexibilidade necessária para a adaptação às realidades escolares locais, às diferentes metodologias e propostas pedagógicas. Essa perspectiva também se reflete nas orientações destinadas ao componente curricular de Geografia, que valoriza o espaço vivido pelos alunos e suas múltiplas formas de apropriação do território (Acre, 2019).

O Currículo de Referência Único do Acre ainda deixa em evidência e dá ênfase sobre os espaços de vivências dos alunos quando coloca a importância desses conhecimentos.

Quando adentram à escola, os alunos trazem consigo representações do mundo que farão parte do seu olhar sobre os novos conteúdos e situações vividas na escola. O mundo vivido, evidentemente, é maior e mais diversos e complexo do que aquele que se pode “recortar” para análise no ambiente escolar. As situações que todos vivem no cotidiano são experiências de interação com o espaço, que permitem ampliar as referências pessoais, em relação ao mundo vivido, e reconhecer, de algum modo, a sua complexidade – as atividades escolares podem contribuir nesse sentido, à medida que acrescentam novas possibilidades de olhar e compreender isso tudo. (Acre, 2019, p. 1586).

4. A ESCOLA COMO ESPAÇO GEOGRÁFICO DE TRANSPOSIÇÃO DIDÁTICA

Cavalcante (2012), em sua obra *O ensino de geografia na escola*, fala justamente sobre a importância da construção desses espaços geográficos, de construir geografia por meio dos conhecimentos que produzem conhecimentos esses que também são geográficos.

A escola é, nessa linha de entendimento, um lugar de encontro de culturas, de saberes, de saberes científicos e de saberes cotidianos, ainda que o seu trabalho tenha como referência básica os saberes científicos. A escola lida com culturas, seja no interior da sala de aula, seja nos demais espaços escolares, e a geografia escolar é uma das mediações pelas quais o encontro e o confronto entre culturas acontecem.” (Cavalcante, 2012, p. 45).

Apesar de ter tido um maior destaque agora na Base Nacional Comum Curricular, o raciocínio geográfico não é atual e Girotto (2015) faz um apanhado de informações em um referencial teórico riquíssimo, demonstrando ao longo da história que o raciocínio geográfico vem sendo utilizado há muitos anos e procura evidenciar: “a importância do raciocínio geográfico no ensino de geografia para formação de um sujeito que seja capaz de compreender e estabelecer relações espaço-temporais entre fenômenos e processos, aparentemente, desconectados” (Girotto, 2015 p.71).

Ele segue fazendo uma linha do tempo e citando os principais acontecimentos e destacando alguns para esclarecer essas relações e auxiliar na construção desse raciocínio.

O raciocínio geográfico, uma maneira de exercitar o pensamento espacial, aplica determinados princípios para compreender aspectos fundamentais da realidade: a localização e a distribuição dos fatos e fenômenos na superfície terrestre, o ordenamento territorial, as conexões existentes entre componentes físico-naturais e as ações antrópicas (Brasil, 2018, p. 359).

A BNCC traz o raciocínio geográfico como uma proposta de auxiliar no entendimento espacial pautado nos princípios da **ANALOGIA**: um fenômeno geográfico sempre é comparável a outros. A identificação das semelhanças entre fenômenos geográficos é o início da compreensão da unidade terrestre; **CONEXÃO**: Um fenômeno geográfico nunca acontece isoladamente, mas sempre em interação com outros fenômenos próximos ou distantes; **DIFERENCIAÇÃO**: É a variação dos fenômenos de interesse da geografia pela superfície terrestre; **DISTRIBUIÇÃO**: Exprime como os objetos se repartem pelo espaço; **EXTENSÃO**: Espaço finito e contínuo delimitado pela ocorrência do fenômeno geográfico; **LOCALIZAÇÃO**: Posição particular de um objeto na superfície terrestre. A localização pode ser absoluta (definida por um sistema de coordenadas geográficas) ou relativa (expressa por meio de relações espaciais topológicas ou por interações espaciais), e **ORDEM**: Ordem ou arranjo espacial é o princípio geográfico de maior complexidade. Refere-se ao modo de estruturação do espaço de acordo com as regras da própria sociedade que o produziu. (Brasil, 2018, p. 360).

A inserção e discussão do raciocínio geográfico trazida pela BNCC é de grande importância para a geografia, pois com o desenvolvimento do pensamento espacial e do

raciocínio geográfico os alunos passam a criar e compreender as conexões de eventos ou fenômenos que ocorrem em diferentes partes do globo acabam impactando de forma direta ou indiretamente no nosso espaço.

Os professores de Geografia podem utilizar as categorias geográficas e os princípios do raciocínio geográfico como ponto de partida na proposição de metodologias envolvendo o espaço escolar e seu entorno. Para a categoria Espaço Geográfico podem ser sugeridas as seguintes atividades: 1) comparando a escola com o uso da escala geográfica, a qual emprega o princípio da comparação; 2) situar a escola no espaço geográfico por meio de coordenadas geográficas, abordando o princípio da localização; 3) delimitação espacial da franja rural-urbana em escolar que se situam nessa faixa de transição. Tal atividade usa o princípio da extensão; 4) identificação de práticas rurais no espaço urbano, recorrendo ao princípio da diferenciação; e 5) observação de elementos naturais e humanizados, baseando-se no princípio da analogia

No caso da categoria Paisagem podem ser elencadas as seguintes propostas: 1) análise da paisagem na circunvizinhança da escola (aspectos naturais e sociais), empregando o princípio da extensão, pois será determinada uma área de influência para esse estudo; 2) análise de fotos antigas e recentes do bairro e da escola, avaliando a dinâmica da paisagem. Essa atividade usa o princípio da ordem, pois verifica o arranjo espacial dos objetos espaciais em tempos distintos 3) interpretação da paisagem ao redor da escola com outras escolas da cidade, tendo como princípio o da analogia; 4) análise da paisagem no trajeto casa-escola. Essa atividade usa o princípio da analogia; e 5) a dinâmica da paisagem ao redor da escola através da ferramenta linha do tempo (Google Earth), com o entendimento do princípio da ordem.

Para a compreensão da categoria Lugar sugere-se: 1) A escola como um lugar de relações e afetividades. Essa atividade usa o princípio da extensão; 2) cartografia dos deslocamentos dos alunos para a escola. A utilização escalas para medir as distâncias e situar as residências dos alunos, direciona-se para os princípios da localização e da distribuição; 3) a história do bairro e a construção de identidade, abordando o princípio da ordem para entender as rupturas e permanências de tempos distintos; 4) o lugar onde nasceu a família dos alunos, que abrange a temática dos movimentos migratórios e utiliza os princípios da analogia e distribuição; e 5) as toponímias dos lugares como a da escola, ruas, praça e bairro, recorre ao princípio da ordem.

No que concerne às atividades propostas para a categoria Região, pode-se destacar: 1) regionalização interna do espaço escolar (áreas livres, salas de aula, parte administrativa); 2) o bairro no contexto da regionalização municipal; 3) delimitando uma Área de Preservação Ambiental; 4) regionalização interna do bairro com base em atributos sociais e ambientais; e 5) delimitação de microbacia hidrográfica, analisando um curso d'água próximo a escola.

Por fim, enumeram-se atividade propostas para a categoria Território, à saber: 1) a escola enquanto território e suas fronteiras; 2) a escola inserida em uma rede de relações; 3) as territorialidades de uma praça no entorno da escola; 5) delimitando e interpretando as fronteiras do bairro; e 5) identificando as diferenças sociais: favelas e condomínios.

5. METODOLOGIA

Foram analisadas possibilidades oferecidas para a transposição didática de das três escolas-campo beneficiadas pelas ações da Residência Pedagógica, no subprojeto Geografia, da Universidade Federal do Acre. Estas são unidades de ensino fundamental que atuam nos anos finais dessa etapa da educação básica e são gerenciadas pela esfera estadual. Estas escolas foram objeto de estudo deste projeto institucional no recorte temporal compreendido entre outubro de 2022 e abril de 2024.

Utilizou-se do raciocínio geográfico destacados na BNCC para verificar a aplicação de seus sete princípios (localização, extensão, distribuição, analogia, conexão, diferenciação e ordem). Ademais, esta metodologia baseou-se nas competências e habilidades que constam no ensino de geografia do sexto ano do ensino fundamental, para a proposição de alternativas metodológicas que envolvam o espaço circundante às instituições de ensino selecionadas.

Para verificar o entorno escolar foi empregado o programa computacional Google Earth para a delimitação de uma área de influência (buffer) de 300 metros a partir das unidades de ensino. Nesse raio de atuação, foram analisados aspectos ambientais, à exemplo da vegetação, recursos hídricos e condições de saneamento; aspectos institucionais, como a presença de praças, parques e demais equipamentos públicos; aspectos econômicos, observando à existência e diversidade do comércio e serviço locais; e aspectos históricos, com a análise de bens e patrimônios públicos e privados de relevante interesse social.

6. RESULTADOS E DISCUSSÕES

A primeira escola analisada denomina-se Professora Terezinha Miguéis. Localizada na rua Nossa Senhora da Conceição, bairro Quinze, regional Seis de Agosto, esta unidade de ensino atende em sua maioria alunos dos bairros Quinze e Cidade Nova. A escola possui em sua circunvizinhança mercados, academia, lanchonetes, campo de futebol, campo sintético, casas históricas e duas praças, além da escola Ana Turan. Apesar de uma boa infraestrutura de lazer no bairro, a escola está localizada em uma área de vulnerabilidade ambiental por conta dos períodos de cheias do Rio Acre, já que está bem próxima às margens do rio (Figura 1).

Figura 1: localização da escola Profª Terezinha Miguéis



Fonte: Elaborado pelos autores

Aproveitando a localização da escola e o bairro (antigo e tradicional bairro de nossa cidade), pode ser proposto a interdisciplinaridade com a disciplina de história, a partir da habilidade **(EF06GE01) Comparar modificações das paisagens nos lugares de vivência e os usos desses lugares em diferentes tempos**. Com esta habilidade os alunos poderão analisar as mudanças que ocorreram na circunvizinhança da escola e as modificações na paisagem e crescimento urbano no entorno desta. Pode ser empregado o recurso da linha do tempo no

Google Earth, fotografias antigas ou mesmo fazendo uma caminhada pelo bairro para uso dos princípios do raciocínio geográfico da comparação, analogia, distribuição e ordem.

A segunda escola é a Berta Vieira de Andrade. Localizada na estrada do São Francisco, bairro São Francisco e regional homônima, esta escola atende crianças do bairro e adjacências (Vitória, Oscar Passos, Baixa da colina). Na circunvizinhança da escola temos uma área comercial com mercados, frutarias, farmácias, salões de beleza, posto de saúde. Ao lado desta instituição de ensino encontra-se a escola Iza Mello, identificada no mapa na cor branca e um pouco mais à frente a praça do bairro, conforme destacado na figura 2.

Figura 2: localização da escola Berta Vieira de Andrade



Fonte: Elaborado pelos autores

Como proposta de atividade pode ser aproveitada essa área comercial, que por meio de um trabalho de campo, dá para ser explorada vendo questões do comércio local e questões econômicas seguindo à habilidade **(EF06GE06) Identificar as características das paisagens transformadas pelo trabalho humano a partir do desenvolvimento da agropecuária e do processo de industrialização**. Para esta atividade, são aplicados os princípios do raciocínio geográfico da localização, distribuição e extensão.

Por fim, a terceira escola analisada foi a Elozira dos Santos Tomé. Localizada na estrada de Porto Acre, Rodovia AC-10, bairro Alto Alegre regional Tancredo Neves. A escola atende alunos de bairros próximos (Tancredo Neves, Alto Alegre, Adalberto Senna) e por esta na faixa de transição urbano/ rural atende também ramais próximos (ramal do mutum), próximo a escola tem o terminal de integração, posto de saúde e residências (Figura 3).

Figura 3: Localização da escola Elozira dos Santos Tomé



Fonte: Elaborado pelos autores.

À poucos metros da escola passa um igarapé que pode ser aproveitado para trabalhar a interdisciplinaridade com a biologia e utilizando a habilidade **(EF06GE04) Descrever o ciclo da água, comparando o escoamento superficial no ambiente urbano e rural, reconhecendo os principais componentes da morfologia das bacias e das redes hidrográficas e a sua localização no modelado da superfície terrestre e da cobertura vegetal;** **(EF06GE07) Explicar as mudanças na interação humana com a natureza a partir do surgimento das cidades,** e assim explorar as potencialidades disponíveis no entorno escolar. Como estas competências envolvem bacias hidrográficas e meio ambiente, numa relação multiescalar, podem ser aplicados os princípios da analogia, extensão e conexão.

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O trabalho em tela demonstrou algumas possibilidades de transposição didática dos conteúdos de Geografia para a escala local. Tal reflexão é de suma importância para que os professores desenvolvam o aprendizado geográfico conectado aos espaços de vivência dos alunos. Assim, estes compreenderão que a Geografia é uma ciência presente em suas ações cotidianas.

As escolas foram ponto de partida para a transposição didática, uma vez que, por falta de recursos ou pelo reduzido tempo de aula, o professor deverá se apoiar em estratégias que envolvam o seu espaço circundante. Verificou-se, a partir das ações do programa residência pedagógica, que cada escola é um espaço único que oferece múltiplas possibilidades para reflexão geográfica, considerando a interação dos aspectos históricos, sociais, econômicos e ambientais.

Ressalta-se a importância de utilizar as competências e habilidades da BNCC, assim como os princípios do raciocínio geográfico como elementos norteadores para aplicação de metodologias ativas que contribuam para o aprendizado dos conteúdos de Geografia, tanto de forma lúdica, como crítica e reflexiva. Para tanto, deve-se levar em consideração os espaços de vivências dos alunos e suas experiências. Com a transposição didática é possível adequar ou aproximar o máximo os conteúdos geográficos do cotidiano dos alunos gerando assim um maior interesse destes.

As várias metodologias e possibilidades para se trabalhar a transposição didática são trazidas na centralidade do texto, visando sempre a formação do raciocínio geográfico, fazendo com que o professor possa transformar em estratégias de ensino. Espera-se que as discussões e reflexões mencionadas neste trabalho, possam abrir espaços e possibilidades de discussões sobre a transposição didática, visto sua importância no ensino e na aprendizagem dos conceitos geográficos.

8. REFERÊNCIAS

- ACRE. Secretaria de Estado de Educação, Cultura e Esporte. **Currículo de Referência Único do Acre: Ensino Fundamental**. Rio Branco, 2019.
- ALMEIDA, G. P. **Transposição didática: Por onde começar**. São Paulo: Cortez, 2007.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018.
- CAVALCANTI, L. S. **O ensino de geografia na escola**. Campinas, SP: Papirus, 2012. p. 45–47.

CHEVALLARD, Y. **La transposition didactique: du savoir savant au savoir enseigné.** Grenoble: Ed. La Pensée Sauvage, 1991.

GIROTTI, E. D. **ENSINO DE GEOGRAFIA E RACIOCÍNIO GEOGRÁFICO:** as contribuições de Pistrak para a superação, Revista Brasileira de Educação, v.5, n.9, p.71-86, 2015.

MOREIRA, A. F. Currículo: conhecimento e cultura sobre a qualidade na educação básica. In: BRASIL. Ministério da Educação. Salto para o Futuro. N° 1, abril, 2009. p. 4-9. disponível em: <http://portaldoprofessor.mec.gov.br/storage/materiais/0000012193.pdf> Acesso em julho, 2025.

NASCIMENTO, V. H. do; OLIVEIRA, P. W. A. de. **A transposição didática aplicada ao ensino de geografia e suas contribuições para a compreensão do conceito de lugar.** Revista Interface, Edição n. 10, dezembro de 2015 – p. 304-314.

SACRISTÁN, J. G. **Saberes e incertezas sobre o currículo.** Universidade de valência, 2013.